

Mayana Neiva  
revela seu lado  
musical em álbum

PÁGINA 2



Prêmio Shell  
anuncia melhores  
do teatro em 2023

PÁGINA 3



Bergamo mantém  
fama de ser um  
festival inovador

PÁGINA 6



## 2° CADERNO



Vange Millet/Divulgação

# O coroamento de uma longa parceria

Novo repertório de Chico César e Zeca Baleiro surge com senso de urgência no ótimo 'Ao Arrepio da Lei'

Por Affonso Nunes

**U**m nasceu há 60 anos em Catolé do Rocha (PB) e o outro há 57 anos em Arari (MA). O encontro desses dois artistas em São Paulo, lá pelos anos 1990, semeou uma longa amizade e rendeu muitas parcerias. Uma das canções mais conhecidas de Chico César e Zeca Baleiro é "Mama África", lançada no álbum "Cuscuz Cla", de Chico, em 1999. Não foram poucas as vezes que os dois dividiram palcos e estúdios de gravação para interpretar

suas criações em conjunto.

Mas pela primeira vez Chico César e Zeca Baleiro lançam um álbum conjunto com uma safra inteira de canções inéditas, o aguardado "Ao Arrepio da Lei". A dupla começou no fim de semana a correr o país para divulgar este trabalho. O repertório dos shows da turnê vai além das canções do novo disco, perpassam a vitoriosa carreira dos dois artistas e, de quebra, contempla canções que fizeram (e ainda fazem) a cabeça da dupla.

Os tempos de pandemia motivaram os amigos a criar. Quando os shows e gravações pararam por conta da crise da covid-19, Chi-

co e Zeca tiveram muito tempo para partilhar músicas e letras. Entre maio de 2020 e o início de 2021 foram mais de 20 composições - reggae, baladas, xotes e rocks. Como os dois compõem letra e música, o processo de criação foi em conjunto, com muitas experimentações. Animados pelo resultado das novas parcerias, anunciaram o lançamento de um álbum, de 11 faixas, antecipando duas canções, "Respira" e "Lovers", em maio de 2021. Com tantos trabalhos em paralelo, Chico e Zeca só retomaram as gravações em 2022, quando lançaram novo single duplo com as inéditas "Verão" e "Beije-me Antes", e concluíram o álbum no fim do ano passado.

O longo período de produção não causou prejuízos ao trabalho. Pelo contrário, mostrou sua necessidade.

"Eu e o Chico nos conhecemos desde 1991, ano em que cheguei em São Paulo. Nos tornamos amigos e parceiros desde então, mas a real é que nunca fizemos muitas músicas juntos. A parceria se dava mais num plano de troca estética e admiração mútua. Com a pandemia e o isolamento, alguma mágica rolou, algum pavio criativo acendeu. Começamos a trocar ideias, pedaços de letra ou melodia, refrães à espera de estrofes e, desde maio de 2020, compusemos duas dezenas de canções. Resolvemos gravá-las por reconhecer nessa produção o coroamento de uma longa história de amizade e afinidade musical", recorda Zeca Baleiro.

O paraibano faz coro ao amigo maranhense. "Parece que demorou mas tudo tem seu tempo, o período de maturação. A pandemia, de certo modo, veio nos dizer da necessidade de estar perto das pessoas com as quais nos identificamos e nos vinculamos em ética e estética. Claro que tematizamos a pandemia mas também fizemos canções que poderiam ter sido geradas em qualquer momento e falam de assuntos perenes em nós", reforça.

Swami Jr., que já trabalhou com Chico e Zeca em shows e discos, foi convidado a produzir o álbum, que ainda tem uma canção produzida por Érico Theobaldo ("Lovers") e outra por Alexandre Fontanetti ("Verão"). "Conheci Chico e Zeca no início dos anos 1990. Dois corajosos artistas nordestinos enfrentando a metrópole paulistana com a coragem do sonho inabalável. Conhecendo pouco a pouco o que eles criavam e o oceano de talento que os habitava, tive a certeza de que logo estariam no altar da música brasileira", diz o produtor. "O convite para produzir esse álbum em dupla, inédito, é um desses chamados a que se deve atender imediatamente, sem hesitar. Imensa honra ter aos meus cuidados canções tão preciosas, de dois imensos e fundamentais artistas", completa.

## CORREIO CULTURAL



Reprodução

A tela foi pintada por Van Gogh em 1884

## Tela rara de Van Gogh vendida por 4,5 milhões de euros

Uma tela rara de Van Gogh foi vendida na feira de arte de Maastricht, nos Países Baixos, por 4,5 milhões de euros (cerca de R\$ 24,3 milhões). Chamada de “Cabeça de Uma Agricultora Anciã com Gorro Branco”, a obra foi comprada por um museu de fora da Europa.

Van Gogh pintou a tela em 1884, quando vivia com os

pais em Nuenen, no sul dos Países Baixos. Um ano depois, ele pintaria “Os Comedores de Batatas”, uma de suas obras mais famosas.

Em 2021, outra obra de Van Gogh, “Cana da Rua Montmartre”, nunca exposta e pintada durante a estadia do pintor em Paris, foi vendida a 13,09 milhões de euros (R\$ 70,8 milhões).

### Gal, Rita e Erasmo

No show de encerramento da turnê “Fevereiro”, Maria Bethânia prestou tributo emocionante a Erasmo Carlos, Gal Costa e Rita Lee. A eles, dedicou as canções “Pode Vir Quente que Eu Estou Fervendo”, “Como 2 e 2” e “Baila Comigo”.

### Bola fora

Já Madonna mandou mal ao reclamar de um homem que não estava dançando em seu show em Los Angeles. “O que você está fazendo sentado aí?”, perguntou sem perceber que se tratava de um cadeirante. A mancha viralizou nas redes.

### Framboesas

O Framboesa de Ouro anunciou os vencedores da edição 2024, coroando “Ursinho Pooh: Sangue e Mel” como o pior filme do ano. Feito depois de o personagem cair em domínio público, o longa desbancou “Mercenários 4”, campeão de indicações.

### Framboesas II

Jon Voight foi eleito pior ator (“Mercy: Golpe de Misericórdia”) e Megan Fox, pior atriz (“Johnny & Clyde”). Ela também foi a pior atriz coadjuvante por “Os Mercenários 4”, que garantiu a Sylvester Stallone a estatueta de pior ator coadjuvante.

Divulgação



*Mayana Neiva, atriz e cantora, faz uma bela viagem musical em seu álbum de estreia no qual o Nordeste é ponto de partida e de chegada*

# Está tudo ali dentro

Mayana Neiva, atriz paraibana, estreia como cantora e compositora num álbum eclético, que exala tradição e modernidade

**E**streante no universo da música, Mayana Naiva, multiartista paraibana, surge no mercado fonográfico com o instigante “Tá Tudo Aqui Dentro”. Apresentando uma prosódia lírica e autoral, a cantora e compositora desfia o rosário de timbres contemporâneos entoados nas cores da tradição.

Mais conhecida do público por seu trabalho como atriz, Mayana atuou em novas globais como o remake de “Ti Ti Ti” (2010), “Amor Eterno Amor” (2012), “O Outro Lado do Paraíso” (2017) e na série “Rotas do Ódio” (Universal TV, 2018). “Sou múltipla e me encaro como uma artista múltipla. Acho que a criatividade tem múltiplas expressões e me vejo assim. Continuo

sendo tudo isso, em especial atriz e cantora, mas minha ideia principal é comunicar a partir da essência, no âmbito que estou”, disse em entrevista ao G1 Paraíba.

Trabalho de rara e singela arte-ania, o disco é tratado pela artista como uma reinvenção de si mesma num trabalho que se encontra ancorado em tradições ancestrais nordestinas sem, no entanto, vislumbrar para sonoridades modernas. O Nordeste é portanto, ponto de partida e chegada desta feliz reunião de canções. A memória é um fio a tecer paisagens sonoras e afetivas da artista, revelando seu ser e estar em relação à arte.

O ótimo disco se abre com “Cordel da Mulher Paraibana”, canção de ar manifesto, em que gramáticas sertanejas unem-se à cadência rítmica do maracatu para cantar sentimentos egressos da ancestralidade feminina que ressoa na profundidade de “Flecha”.

Aonde se ouve palavras de encantamento, Mayana Neiva leva a seu disco de estreia parcerias de peso como as do conterrâneo Chico César em “Queima”, com a baiana Josyara em “Dopamina” e participações de virtuosos do piano (Zé Manoel) e do acordeão (Mestrinho).

A produção musical combina arranjos modernos com beats e sintetizadores a instrumentos orgânicos que formam um corpo sonoro em que as diferentes temporalidades se expressam por uma profusão de ritmos que variam da nostalgia tangureira ao forró pé de serra, passando pela cumbia colombiana e o bolero cubano.

Nomes como Ylana, Yuri Queiroga, Guegué, Pupillo, Juliano Holanda e Igor de Carvalho encorpam a manufatura desse nordeste plural, atemporal e ao mesmo tempo ancestral, que também é irrigado com a participação dos produtores: Naná Rizzini, Magí Batalla, Marcus Preto, Marcel e Conrado Goes.

Mayana traz o frescor dos fecundos inícios de carreira. Chega com personalidade e deseja-se que retroalimente suas narrativas tradicionais e modernas por mais e mais trabalhos. Neste disco está tudo ali dentro.



# A hora e a vez dos melhores

Divulgação



O corpo de jurados do RJ

34ª edição do Prêmio Shell tem cerimônia de premiação São Paulo, nesta quarta, no Teatro Sérgio Cardoso

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Em um tempo que as premiações, em todas as áreas minguaram, o Prêmio Shell de Teatro é de uma enorme importância pelo seu formato. Primeiramente, são dois corpos de jurados, um para o Rio e outro para São Paulo, mas que guardam as semelhanças no perfil dos escolhidos. Pessoas do teatro em todas as suas frentes: atuação, produção, crítica, academia.

Assim, nos últimos anos o Prêmio Shell vem balizando as grandes tendências do teatro, assim como permitindo que talentos emergentes, surgidos em novos grupos, projetos sociais, oriundos ainda de zonas não privilegiadas de todos os tipos de recursos.

Com apresentação de Marisa Orth e Verônica Bonfim, a cerimô-

nia conta ainda com homenagens a dois baluartes do teatro brasileiro: Renato Borghi e Amir Haddad, ambos nascidos em 1937 e fundadores do Teatro Oficina ao lado de José Celso Martinez Correa, em 1958. À frente do grupo Tã na Rua há mais de 40 anos, Amir dirigiu históricas montagens e segue, ainda hoje, responsável pela formação de centenas de atores. Já Borghi coleciona prêmios e atuações memoráveis em espetáculos referenciais, como 'O Rei da Vela' e 'Galileu Galilei'.

E, pela primeira vez em sua história, o Shell vai contemplar também montagens de todo o Brasil. Além das seleções dos júris do Rio e de São Paulo, este ano a premiação lança uma categoria inédita: Destaque Nacional, para produções de todos os estados brasileiros. O júri novo e especialmente criado para esta edição com nomes de Curitiba,

Bahia, Ceará e Minas Gerais: Giovana Soar (atriz, diretora, tradutora e curadora), Marcio Meirelles (encenador, dramaturgo e gestor cultural), Dane de Jade (atriz, pesquisadora e gestora cultural) e Guilherme Diniz (pesquisador, crítico cultural e professor)

O grupo de jurados privilegiou montagens que, embora tenham sido encenadas no Rio e São Paulo, representam o conjunto do que acontece em diversas regiões do Brasil. O júri da premiação é composto por Leandro Santanna (produtor cultural, gestor público e ator), Ana Luisa Lima (professora, produtora e gestora cultural), Biza Vianna (figurinista, diretora de arte e produtora cultural), Patrick Pessoa (professor, dramaturgo e crítico teatral) e Paulo Mattos (curador e produtor cultural), no Rio de Janeiro. E por Evaristo Martins de Azevedo (crítico de arte), Ferdinando Martins (professor e crítico de arte), Luiz Amorim (ator, diretor e gestor em produção cultural), Maria Luisa Barsanelli (jornalista) e Luh Maza (dramaturga, diretora, roteirista e atriz), em São Paulo.

## OS INDICADOS

### SELEÇÃO JÚRI SP

**\*DRAMATURGIA:** Victor Nóvoa por 'Mãos Trêmulas', André Santos por 'Quilombo Memória', Carlos Canhameiro por 'Xs Culpadxs', Ave Terrena e Ymoirá Micall por 'Fracassadas Br'

**\*DIREÇÃO:** Antônio Araújo por 'Agropeça', José Fernando Peixoto de Azevedo por 'Ensaio sobre o terror', Marcos Damaceno por 'A aforista', André Paes Leme por 'Viva o povo brasileiro (de Naê a Dafé)'

**\*ATOR:** Vinicius Meloni por 'Agropeça', Marco Antônio Pâmio por 'A herança', Victor Britto por 'O Aveso da pele', Maurício Tizumba por 'Viva o povo brasileiro (de Naê a Dafé)'

**\*ATRIZ:** Grace Gianoukas por 'Nasci para ser Dercy', Alessandra Maestrini por 'Kafka e a boneca Viajante', Rosana Stavits por 'A aforista', Tenca Silva por 'Agropeça'

**\*CENÁRIO:** Simone Mina por 'Mutações', Luiz Fernando Marques (Lubi) por 'Ainda sobre a cama', Eliana Monteiro e William Zarella por 'Agropeça', Attilio Martins por 'Bossa Nova Cabaré Bar'

**\*FIGURINO:** Fabio Namatame por 'Além do Ar - um musical inspirado em Santos Dumont', Marah Silva por 'Viva o povo brasileiro (de Naê a Dafé)', Karen Brusttolin por 'A aforista', João Pimenta por 'Kafka e a Boneca Viajante'

**\*ILUMINAÇÃO:** Aline Santini por 'Mutações', Nicolas Caratori por 'A cerimônia do adeus', Maneco Quinderé por 'Alguma coisa podre', Fran Barros e Tulio Pezzoni por 'Once - o musical'

**\*MÚSICA:** Naruna Costa pela direção musical de 'Boi Mansinho e a Santa Cruz do Deserto', Alexandre Rosa pela direção musical de 'Infância', Peri Pane pela direção musical de 'Quando o Discurso Autoriza a Barbárie', Chico César e João Milet Meirelles pela música original e direção musical de 'Viva o Povo Brasileiro (de Naê a Dafé)'

**\*ENERGIA QUE VEM DA GENTE:** Selo Lúcias - Iniciativa da Associação dos Artistas Amigos da Praça (Adaap), pela organização, publicação e distribuição gratuita de livros que resgatam a história das artes cênicas no Brasil; Ateliê 23 - Pela pesquisa sobre violência de gênero e tráfico sexual de adolescentes e mulheres prostituídas no ciclo da borraça, no interior da Amazônia, tema do espetáculo 'Cabaret Chinelo'; Rosas Periféricas - Pelo trabalho que desenvolve há 15 anos na periferia de São Paulo, com espetáculos teatrais e ações sócio-educativas, voltados ao público jovem; Palacete dos Artistas - Projeto de moradia e assistência no centro de São Paulo onde artistas veteranos vivem por meio de aluguel social e de autogestão do espaço e realização de eventos culturais.

### SELEÇÃO JÚRI RJ

**\*DRAMATURGIA:** Rafael Souza-Ribeiro por 'Jonathan', Zahy Tentehar e Duda Rios por 'Azira', Rodrigo França por 'Angu', Vinicius Baião por 'Três irmãos'

**\*DIREÇÃO:** Orlando Caldeira por 'Pelada - A hora da Gaymada', Luiz Antônio Pilar por 'Leci Brandão - na palma da mão', Dulce Penna por 'Jonathan', Bruce Gomlevsky por 'Outra revolução dos bichos'

**\*ATOR:** Milhem Cortaz por 'Diário de um louco', Sérgio Kauffman por 'Leci Brandão - na palma da mão', Matheus Macena por 'Los Hermanos - musical pré-fabricado', Xando Graça por 'Gente de bem'

**\*ATRIZ:** Zahy Tentehar por 'Azira', Jéssica Barbosa por 'Em busca de Judith', Nilda Andrade por 'Pipas', Blackyva por 'Chega de Saudade'

**\*CENÁRIO:** Ricardo Rocha por 'Eyja: Primeira Parte, a Ilha', Lidia Kosovski por 'Olga e Luis Carlos - Uma História de Amor', Batman Zavareze e Mariana Villas-Bôas por 'Azira', Clebson Prates por 'Angu' e por 'Para meu amigo branco'

**\*FIGURINO:** Luiza Marcier por 'Los Hermanos - musical pré fabricado' e por 'Restos na escuridão', Carlos Alberto Nunes por 'A hora do boi', Giovanni Targa por 'Só vendo como dói ser mulher de Tolstói', Flavio Souza por 'Eyja: Primeira Parte, a Ilha'

**\*ILUMINAÇÃO:** Daniela Sanchez por 'Leci Brandão - na palma da mão', Ana Luzia Molinari de Simoni - 'Azira' e por 'Feio', Paulo Cesar Medeiros por 'O Menino é o Pai do Homem', Beto Bruel por 'A aforista'

**\*MÚSICA:** Ruy Guerra, Zeca Baleiro e Lui Coimbra pela direção musical e trilha original de 'Dom Quixote de Lugar Nenhum', Pedro Sá Moraes pela direção musical e composições originais 'Em Busca de Judith', André Muato pela direção musical, percussão corporal e trilha original de 'Pelada - A Hora da Gaymada', André Muato e Felipe Storino pela direção musical de 'Chega de Saudade'

**\*ENERGIA QUE VEM DA GENTE:** Cia dos Comuns - Pelos 22 anos de uma atuação continuada e imprescindível para a formação e o fortalecimento da cena teatral preta brasileira, contribuindo de forma decisiva para o fomento e formação de artistas negros e na luta antirracista em nossa sociedade; Projeto Museu dos Meninos - Por criar, através de uma série de ações artísticas, um lugar inspirador para todas as necessárias políticas públicas voltadas para a preservação da memória e a imaginação de futuros outros para os jovens pretos e favelados do Complexo do Alemão; Entidade Maré pela 'Ocupação Noite das Estrelas' - Por celebrar nas ruas do Complexo da Maré, unindo a comunidade e pessoas vindas de outras partes da cidade, a vida e a ancestralidade dos artistas lgbtqiapn+ que, durante as décadas de 1980 e 1990, realizaram ali os shows 'Noite das estrelas', inspiração até então esquecida de muitos importantes movimentos sociais que aconteceram; Elenco de espetáculo 'Meu Corpo Está Aqui' - Bruno Ramos, Haonê Thinar, Juliana Caldas e Pedro Fernandes - Pelo processo coletivo de construção de um espetáculo altamente vital e inspirador, que impacta de forma positiva na visibilidade de Pessoas com Deficiência.

### CATEGORIA DESTAQUE NACIONAL:

\* - As cores da América Latina, da Panoranda Cia e Produtora, de Manaus; Temporada de Caça - uma tragicomédia distópica linkedinesca, da Minha Nossa Cia de Teatro, de Curitiba; O Rabo e a porca, da Multi Planejamento Cultural, de Salvador; Vestido de Noiva, do Grupo Oficina Multimídia, de Belo Horizonte.



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**P**rova incontestável de que da indústria, do cinemão, brotam pérolas, “Oppenheimer” foi anunciado pela boca de um dos maiores atores da História, Al Pacino, como o ganhador do Oscar de 2024. A produção de US\$ 100 milhões venceu ainda em outras seis categorias: Direção (Christopher Nolan); Fotografia (Hoyte Van Hoytema); Montagem (Jennifer Lame); Trilha Sonora (Ludwig Göransson); Ator Coadjuvante (Robert Downey Jr.); e Ator, dado ao esmagador desempenho de Cillian Murphy.

Visto por três milhões de pagantes no Brasil, depois de faturar US\$ 957 milhões nas bilheteiras internacionais, “Oppenheimer” já está no streaming, na Apple TV. Pode ser acessado por uma merreca na Amazon Prime Video Store, na Google Play e na YouTube Filmes. Foi a terceira maior arrecadação mundial de lavra hollywoodiana em 2023, atrás apenas de “Barbie” (a primeira da fila, com US\$ 1.441.717.724,00 de lucro) e de “Super Mario Bros. Movie” (US\$ 1,3 bilhão de receita).

Seu rol de Oscars se abriu quando Robert Downey Jr. foi galardoado com o Prêmio de Melhor Coadjuvante. Eternizado no imaginário pop como Tony Stark, o Homem de Ferro, no momento de exorcismo do fantasma da dependência química, ele é o hidrogênio que areja a atmosfera plúmbea de um filme construído para “ser para sempre”.

“Eu precisava mais desse trabalho do que ele precisava de mim”, diz Downey Jr.

Uma postagem na internet do cineasta Paul Schrader, diretor de “Fé Corrompida” (2017) e “A Marca da Pantera” (1982) e roteirista de “Taxi Driver” (1976), resume tudo o que o Nolan conseguiu sintetizar ao longo de três horas de pura excelência. Schrader disse: “É o melhor, o mais importante filme deste século”. O superlativo impressiona e até espanta, não só por soar prematura, mas por ter sido emitido por um criador sábio, extremamente avesso a (quase) tudo o que as usinas hollywoodianas produzem.

O que justifica sua fala seja justamente o fato de Nolan NÃO ser aquilo que os estúdios cismam em produzir e, sim, um diretor autor que dirige narrativas personalíssimas, de teor filosófico, em forma de espetáculo, como é o caso do estonteante “Oppenheimer”. Basta dois diálogos para que toda sua força dramática fique evidente: a) “Genialidade não garante sabedoria”; b) “Vocês procuram o sol,



# E o Oscar vai para... ‘Oppenheimer’



*Oppenheimer levou sete estatuetas, incluindo melhor filme, ator, ator coadjuvante e direção*

Fenômeno de bilheteria que desafia a unanimidade da crítica conquista sete estatuetas na festa da Academia de Hollywood, que erra na escolha de Jimmy Kimmel como apresentador

só que o Poder reside nas sombras”. Essa joia aí ao lado é dita pelo almirante Lewis Strauss, intelectual autodidata que busca exterminar a reputação do físico J. Robert Oppenheimer (1904-1967) depois de sugar dele aquilo de que a América necessitava em meio à II Guerra: a criação de uma arma nuclear suprema. Estruturado na aparência como se fosse uma aula de geopolítica sobre a corrida nuclear, o filme carrega toda a assinatura formal e filosófica do realizador despontou aos olhos da crítica com “Amnésia”, em 2000 e virou objeto de culto (e também de ódio) com a trilogia “Batman” (2005-2012).

Primeira estatueta a ter sido entregue na

festa, após um atraso de cinco minutos e uma série de piadinhas mordazes do apresentador Jimmy Kimmel, o troféu de Melhor Coadjuvante foi dado a Da’Vine Joy Randolph, por “Os Rejeitados”. Sua atuação como cozinheira principal de uma escola de elite, nos EUA dos anos 1970, evoca uma série de conflitos raciais dos EUA. Na transmissão nacional, feita pela TNT, sua apresentadora, a atriz Ana Furtado, definiu a vencedora como “cantatriz”. Fato! Nascida na Filadélfia, ela ganhou notoriedade há 12 anos, no teatro, ao assumir na Broadway o papel da vidente Oda Mae Brown na montagem de “Ghost - O Musical”. A alegria dela contagiou a cinefilia.

As falas furiosas de Kimmel, não. Só em seu ataque a Donald Trump, ele se saiu bem, mas não fez jus ao cargo de anfitrião.

Ganhador da Palma de Ouro em Cannes, em maio, “Anatomia de uma Queda” foi preterido pelo governo francês, em prol de “O Sabor da Paixão”, porque sua diretora – Justine Triet - fez uma crítica ao tratamento dado pelas autoridades de seu país à Cultura. Mas, para dissabor da pátria de Emmanuel Macron, ela ganhou o Oscar de Melhor Roteiro Original. É uma trama de tribunal (que faz jus a mestres do filão, como Andre Cayatte e Joel Schumacher) consagrando a alemã Sandra Hüller (de “Toni



## OS VENCEDORES

**FILME:** "Oppenheimer"  
**DIREÇÃO:** Christopher Nolan ("Oppenheimer")  
**ATRIZ:** Emma Stone ("Pobres Criaturas")  
**ATOR:** Cillian Murphy ("Oppenheimer")  
**ATRIZ COADJUVANTE:** Da'Vine Joy Randolph ("Os Rejeitados")  
**ATOR COADJUVANTE:** Robert Downey Jr. ("Oppenheimer")  
**ROTEIRO ORIGINAL:** Justine Triet e Arthur Tort ("Anatomia de Uma Queda")  
**ROTEIRO ADAPTADO:** Cord Jefferson ("Ficção Americana")  
**MONTAGEM:** Jennifer Lame ("Oppenheimer")  
**FOTOGRAFIA:** Hoyte Van Hoythema ("Oppenheimer")  
**DIREÇÃO DE ARTE:** James Price, Shona Heath e Zsuzsa Mihalek ("Pobres Criaturas")  
**MAQUIAGEM E CABELO:** Nadia Stacey, Mark Coulier e Josh Weston ("Pobres Criaturas")  
**FIGURINO:** Holly Waddington ("Pobres Criaturas")  
**MELHOR FILME INTERNACIONAL:** "Zona de Interesse", de Jonathan Glazer  
**CURTA DOCUMENTAL:** "A Última Loja de Concertos", de Kris Bowers e Ben Proudfoot  
**CURTA ANIMADO:** "War Is Over!", de Dave Mullins  
**CURTA DE FICÇÃO LIVE ACTION:** "A Incrível História de Henry Sugar", de Wes Anderson  
**CANÇÃO:** "What Was I Made For?", de Billie Eilish e Finneas O'Connell  
**TRILHA SONORA:** Ludwig Göransson ("Oppenheimer")  
**SOM:** "Zona de Interesse"  
**EFEITOS VISUAIS:** "Godzilla Minus One"  
**DOCUMENTÁRIO:** "20 Dias em Mariupol", de Mstyslav Chernov  
**ANIMAÇÃO:** "O Menino e a Garça", de Hayao Miyazaki



Emma Stone em 'Pobres Criaturas'



Zona de Interesse, o melhor Filme Internacional



O Menino e a Garça, melhor animação



Anatomia de uma Queda



War is Over

Erdmann") como uma das atrizes de maior popularidade da Europa. Ela vive uma escritora e tradutora acusada da morte do marido, tendo sua intimidade devassada.

Maior bilheteria de 2023, com US\$ 1,4 bilhão de receita, "Barbie" só foi recompensada numa frente, a de Melhor Canção Original, dada a "What Was I Made For?", de Billie Eilish e Finneas O'Connell. Mas sua diretora, a atriz Greta Gerwig, foi escalada para presidir o júri do próximo Festival de Cannes.

Ao cravar o vencedor do Oscar de Melhor Roteiro Adaptado, a Academia jogou holofotes sobre o aríete antirracista "Ficção Americana". Essa comédia rascante virou um dos filmes mais comentados nas redes sociais, ao ser lançado no Brasil, via streaming, na Amazon Prime, sem passar pelas salas de exibição. A direção do cineasta estreante Cord Jefferson (um prolífico roteirista de séries de TV e streaming) se baseia no romance

"Erasure", de Percival Everett. O longa trazia consigo o prêmio de júri popular do Festival de Toronto. A produção traz Jeffrey Wright (dublado aqui por Duda Ribeiro) no papel do misantrópico Thelonious Ellison, professor de Literatura e escritor de pouca notoriedade. O boom de romances sobre causas raciais e pautas identitárias fazem com que ele escreva um livro ferocíssimo, fingindo ser um ex-presidiário que investe num relato de autoficção. O êxito de sua fake novel tira sua paz no momento em que ele reconfigura sua vida afetiva.

Coroado com um surpreendente Oscar de Melhor Atriz dado à campeã de bilheteria Emma Stone e com as estatuetas de Melhor Figurino, Maquiagem & Cabelo e Direção de Arte, a fantasia erótica "Pobres Criaturas" combina romance e ficção científica. Brilha sob a direção de Yorgos Lanthimos e a produção da própria Emma, que

protagoniza sequências cálidas. Baseada no livro homônimo de Alasdair Grey, referenciando o clássico "Frankenstein", a história se passa na Era Vitoriana e acompanha Bella Baxter (interpretada por Stone), que é trazida de volta à vida após seu cérebro ser substituído por um bebê. O experimento é realizado pelo doutor Godwin Baxter (Willem Dafoe), um cientista eunuco brilhante, porém nada ortodoxo.

Atropelando gigantes como Wim Wenders (e seu "Dias Perfeitos") e Matteo Garrone ("Eu, Capitão"), o inglês Jonathan Glazer venceu com "Zona de Interesse", um estudo (com CEP do Reino Unido) sobre a banalidade do Mal. Seu universo: o campo de concentração de Auschwitz, cartografado a partir de seu coordenador: um oficial da SS. Glazer faz parte da vida da gente, faz tempo, desde os anos 1990, pelo terreno do videoclipe, com lendárias parcerias com Ra-

diohead e Jamiroquai. Nascido em Londres, há 58 anos, ele ganhou o Grande Prêmio do Júri de Cannes pela adaptação do romance de Martin Amis, que morreu quando ele concorria na Croisette. A estatueta de Melhor Som foi dada a esse drama britânico falando em alemão também.

Entre os longas de não ficção, o Melhor Documentário do Oscar 2024 foi "20 Dias em Mariupol", de Mstyslav Chernov, sobre a guerra da Ucrânia, acompanhando ações de médicos, soldados e (sobretudo) vítimas. "É o primeiro Oscar da Ucrânia", disse Chernov. "O cinema cria memória e a memória cria História".

Cheia de moral no mercado, apesar de recentes fracassos (como "Quantumania"), a Marvel foi com sede ao pote do Oscar de Melhor Animação, amparada na popularidade de "Através do Aranhaverso", mas bateu de frente com um monumento autoral chamado Hayao Miyazaki. O diretor japonês de 83 anos já havia sido contemplado com o Globo de Ouro por seu metafísico "O Menino e a Garça" ("The Boy And The Heron"). Repetiu o feito anteontem, no Dolby Theatre. Já em cartaz no Rio, o longa-metragem fez sua primeira exibição mundial no Festival de Toronto, no Canadá, em setembro, e, na sequência, dias depois, abriu o Festival de San Sebastián, na Espanha. Revelado como animador em 1972, com o curta-metragem "O Sol de Yuki", de 1972, Miyazaki já havia sido oscarizado, há 21 anos, por "A Viagem de Chihiro", que rendeu a ele Urso de Ouro de 2002. Seu faturamento está US\$ 167 milhões.

Outro dinamo pop japonês atropelou a concorrência: "Godzilla Minus One" levou para a Ásia o Oscar de Melhores Efeitos Visuais. Vence no momento em que o personagem, chamado de O Rei dos Monstros, completa 70 anos de cinema. Aliás, "Gojira" (1954), o

Entre os documentários, o mais falado é "20 Dias em Mariupol", de Mstyslav Chernov, sobre a guerra da Ucrânia. Já entre as animações a guerra vai ser pesada.

Produzido pelo filho de John Lennon e Yoko Ono, "War Is Over!" conquistou o Oscar de Melhor Curta Animado. A narrativa documental em curta metragem preferida pela Academia foi "A Última Loja de Concertos". Já o Melhor Curta de Ficção em Live Action foi "A Incrível História de Henry Sugar", do badalado Wes Anderson, estrelada pelo Doutor Estranho, o ator Benedict Cumberbatch.

Com o Oscar entregue, a comunidade cinematográfica agora se prepara para o Festival de Cannes, que começa em 15 de maio.



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

# Encontro marcado com a imagem

O Bergamo Film Meeting se impõe na cena dos grandes festivais como termômetro das novas vozes autorais da surgidas na Itália e na Europa

**C**oproduções com nações europeias, “Até que a Música Pare”, de Cristiane Oliveira, e “Levante”, de Lillah Halla, dão um toque de brasilidade à competição oficial do Bergamo Film Meeting, evento italiano que chega à sua edição de número 42 propondo uma triagem das conexões audiovisuais do Velho Mundo. Há sete títulos na disputa principal, que confere hoje a produção tcheca “She Came at Night”, de Tomáš Pavlíček e Jan Vejnar. É a história de um casal que entra num purgatório afetivo com a chegada da sogra em seu lar.

O evento presta homenagens a realizadores como a dinamarquesa Frederikke Aspöck, o sueco Lukas Moodysson e o esloveno Metod Pevec. Em outras latitudes, sua equipe curatorial leva a suas plateias uma coletânea de animações portuguesas. A atração animada desta terça é “Nossa Senhora da Apresentação”, de Daniela Duarte, Abi Feijó, Laura Gonçalves e Alice Guimarães. Esse pacote luso traz ainda “Ice Merchants”, de João Gonzalez, que concorreu ao Oscar de curtas-metragens, em 2023.

Para contextualizar as novidades do BFM, sua coordenadora geral Annamaria Materazzini (codiretora artística juntamente com Fiammetta Girola) e a coordenadora e curadora de animações Diana Cardani conversa com o Correio da Manhã sobre novos horizontes estéticos.

**Como é que o evento testemunhou as transformações do cinema italiano e suas novas vozes autorais?**

**Annamaria Materazzini:** O Bergamo Film Meeting sempre teve uma perspectiva internacional, quer seja na apresentação de novos cineastas autorais ou em retrospectivas. Esse perfil se impôs sobretudo nos seus primórdios, quando muitas cinematografias tinham dificuldade em encontrar visibilidade na Itália, em comparação com o cinema nacional e americano. Atualmente, a situação é mais equilibrada e é muito mais fácil ver filmes de todo o mun-



Divulgação

‘She Came at Night’, produção tcheca sobre uma sogra nada pacífica

do nas salas de cinema. Não temos a pretensão de ter influenciado as tendências do cinema italiano, nem podemos dizer que nos concentramos mais no cinema do nosso país. No entanto, sempre demos espaço a novos autores, tanto italianos como de outros países. Isto permitiu, por vezes, que fizéssemos “descobertas” e dar voz a autores menos “comerciais” ou dar visibilidade a novas formas de linguagem cinematográfica.

**Qual é o lugar do cinema de gênero no evento deste ano?**

**Diana Cardani:** Considerando que o BFM é um festival que dá amplo espaço a retrospectivas históricas, para além do novo cinema europeu do presente, é comum termos alguns filmes de gênero no

programa. Para o BFM 42, na secção Cult Movie - Walter Matthau, exibimos “Alô, Dolly!”, o musical de Gene Kelly de 1969, protagonizado por Walter Matthau e Barbra Streisand, que fará o nosso público rir, mexer-se e cantar. Outro evento especial é a Maratona Sci-fi que, este ano, na próxima sexta-feira, 15 de março, apresenta um filme de ficção científica dos anos 1960, “Além da Barreira do Tempo”, de Edgar G. Ulmer, e a quintessência do gênero slasher, “O Massacre da Serra Elétrica”. É um filme que está celebrando os 50 anos de seu lançamento. Além disso, na secção da Mostra Competitiva, podemos ainda encontrar a comédia abrasiva “She Came at Night”, dos realizadores checos Tomáš Pavlíček

e Jan Vejnar. Sobre este filme, Jan afirmou: “O objetivo era fazer um filme cujo enredo e tema legitimassem plenamente o cenário íntimo e as condições austeras em que foi realizado”.

**Que oportunidades podem surgir para o Brasil no evento?**

**Diana Cardani:** Nos últimos vinte e cinco/trinta anos (desde que é financiado pela União Europeia), o Bergamo Film Meeting tem-se centrado mais no cinema do nosso continente. No entanto, sempre mantivemos uma janela no programa aberta a produções de fora da UE e o aumento das coproduções internacionais nos últimos anos no permite hoje maior liberdade. Este ano, por exemplo, na competição,

podemos apresentar dois filmes coproduzidos e realizados no Brasil (“Até que a Música Pare”, de Cristiane Oliveira, e “Levante”, de Lillah Halla), o que nos deixa muito satisfeitos.

**Que equipe é necessária para realizar o BFM e que orçamento requer um festival como este, sobretudo depois dos percalços enfrentados na pandemia?**

**Annamaria Materazzini:** A equipe do Bergamo Film Meeting é “elástica”, no sentido em que existe um núcleo de cinco pessoas que trabalha durante todo o ano no planeamento da edição, com funções criativas (construção de conteúdos e programas) e de gestão (orçamento e administração de recursos humanos). Depois, perto do festival, vão se juntando gradualmente outros colaboradores, consultores artísticos e técnicos. No final, a equipa cresce para cerca de 120 pessoas, às quais se juntam mais ou menos 60 voluntários todos os anos. Atualmente, o festival custa cerca de 400 mil euros por ano, mas sabemos que festivais semelhantes, em toda a Europa, têm orçamentos duas ou três vezes superiores. Ter um orçamento maior poderia nos permitir ter uma equipe maior, a trabalhar durante todo o ano, não só para o festival, mas também para as outras atividades que a nossa associação organiza. Poderíamos também reforçar algumas das nossas atividades, como o marketing e a comunicação. Tanto o festival como os filmes do programa seriam beneficiados. É certo que a pandemia foi um grande problema, tanto em termos de gestão como de economia e de impacto no público. Se pensarmos que o nosso festival só pôde ter lugar numa sala de cinema em 2022, depois da edição cancelada em 2020 e da edição online em 2021, é fácil compreender que a relação com o público se tornou instável em alguns aspectos. No entanto, com tenacidade e dedicação (olhando também para a evolução do mercado, a ascensão das plataformas online, das redes sociais, etc.), estamos a recuperar o tempo perdido. O público, felizmente, está respondendo com paixão.

No ar das tardes de sábado desde 2021, Marcos Mion promete renovar Caldeirão neste 2024

# 'Chegou um momento onde, de fato, a gente ouvia o ruído das pessoas pedindo novidades'

Victor Pollak/Divulgação TV Globo

Por Vitor Moreno (Folhapress)

**A** letra da música aparece em uma tela, e você tenta ir acompanhando no ritmo certo - com resultados que variam bastante e podem provocar aplausos ou risos, conforme a performance. Poderia ser uma noite normal em algum karaokê não fosse um detalhe: a canção não pode ser escolhida, e quem participa só descobre o que vai cantar na hora.

E se não conhecer aquela música? "Se vira na dancinha, na cara de pau... Tem que envolver a galera", diz Marcos Mion, empolgado com o Caldeirão, novo quadro que estreia no Caldeirão (Globo) no próximo sábado (16).

Ou seja, o desempenho vocal do participante, embora ajude, não é o mais importante para ganhar notas altas do júri (que terá Lucas Lima e Diego Martins, além de convidados).

Mion afirma que a ideia do quadro partiu dele, mas foi desenvolvida a muitas mãos por sua equipe. "O embrião foi meu, sim, de uma vontade nítida de trazer alegria para o palco, partindo do conceito de que ninguém é triste num karaokê", conta. "E quando voltaram para mim, já estava com a estrutura de um game."

O Caldeirão é parte de uma mudança mais profunda - a mais radical que o programa sofreu desde que o apresentador assumiu suas rédeas, em 2021, primeiro de forma temporária e depois oficialmente como substituto de Luciano Huck. A atração vai estreiar um novo pacote gráfico, com vinheta e



Marcos Mion posa no novo cenário do programa que estreia neste sábado (16)

logomarcas novas, além de um cenário completamente reformulado.

"Cara, eu chego aqui e tenho vontade de abraçar o cenário, tenho vontade de abraçar todo mundo", diz Mion com o tom laudatório que adotou desde que foi contratado pela Globo, após anos na Record. "Posso ficar falando horas, porque eu sou um apaixonado por televisão, sou apaixonado pela Globo. Isso daqui não existe, né? Isso daqui só existe aqui."

Geninho Simonetti, diretor da atração e colega de Mion desde os tempos de MTV Brasil, destaca que a plateia do programa duplicou com relação ao número de pessoas que comportava quando assumiu o programa. "A gente, de fato, está maior, mais maduros, com conteúdos em que a gente acredita e com esse cara [Mion] ainda mais empolgado", resume.

O desenho do novo cenário foi

desenvolvido a partir de um rascunho que ele fez, e inclui uma pequena homenagem a uma paixão que divide com o apresentador: o basquete. Ambos costumam assistir a jogos transmitidos do Madison Square Garden, em Nova York, que tem um telão retangular no centro da arena.

Diretora do núcleo de programas de auditório da Globo, Monica Almeida, afirma que a mudança não foi meramente estética. Ela lembra que, antes, cada quadro tinha um cenário diferente, o que acabava engessando a atração. "A gente tinha uma certa dificuldade de implantar imediatamente uma coisa nova", admite. "Isso aqui é para podermos criar o tempo inteiro, porque agora a gente tem uma base para fazer o que a gente quiser."

Com o novo cenário, ela acredita que o processo de trazer novidades para o programa será facilitado.

"A gente tem uma parte da equipe que cuida do agora e uma parte da equipe que está pensando na frente, no que pode vir a ser um quadro novo", explica. "Acho que temos que surpreender o tempo inteiro. Essa é a graça de fazer o que a gente faz, principalmente auditório."

Mion concorda. O apresentador diz que, para aproveitar a montagem dos cenários antigos, eram gravados vários segmentos de programas diferentes no mesmo dia. Com isso, se percebiam que algo não tinha funcionado só quando ia ao ar, era impossível corrigir com agilidade por causa da frente de gravações.

O apresentador diz que também não gostava muito da quebra que a mudança de cenário a cada quadro proporcionava. "Parecia que o programa estava começando de novo, porque mudava tudo. No momento em que a gente tem uma

arena que engloba qualquer quadro que a gente quiser fazer, o programa toma uma unidade."

Mion conta que estava ciente das críticas ao Caldeirão nas redes sociais, a maioria delas dizendo respeito a uma suposta mesmice nas atrações do programa, que vinha revezando os quadros Sobe o Som e Tem ou Não Tem de forma recorrente. "Chegou um momento onde, de fato, a gente ouvia o ruído das pessoas pedindo novidades. Não é novidade para ninguém, a gente aqui, obviamente, sabia disso."

Ele atribui isso a dois fatores principais. O primeiro é que as atrações estavam funcionando. "Cara, tá entregando muito na audiência, tá entregando demais com anunciantes, então não tinha muito por que mexer num time que estava ganhando", avalia.

O segundo fator é o tempo de maturação que é preciso para implantar qualquer mudança na TV aberta. "Tudo tem um processo, um tempo de assimilação", comenta. "Aqui na Globo, tudo é feito com muito cuidado, ninguém vai dormir à noite falando: 'Amanhã, eu quero mudar um quadro'. E acorda, mudou. Tem um processo muito longo para criar um quadro novo aqui."

Apesar de confessar que estava ansioso por novidades, ele diz que isso não tem relação direta com as reclamações nas redes. "Não me apego e não tomo como verdade os elogios. Opiniões são sempre bem-vindas, eu não estou falando que eu ignoro elas - eu ouço todas -, mas é o tempo de ouvir, assimilar e jogar fora para seguir adiante."



CRÍTICA / LIVROS

# Mulheres reais sob o olhar feminino



Por Olga de Mello  
Especial para o Correio da Manhã

“**P**ara combater o aviltamento, começara a estudar quase em segredo a invenção da mulher por parte dos homens (...) desde a primeira e a segunda criações bíblicas até Defoe-Flanders, até Flaubert-Bovary, Até Tolstói-Karenina (...). Descobria por todo lado autômatos de mulheres fabricados por homens (...) matéria para a manufatura deles”. (História de quem foge e de quem fica, Elena Ferrante)

No terceiro volume da Tetralogia Napolitana — que saiu agora em nova edição, em box, pela Biblioteca Azul, a R\$ 159 —, a narradora Elena Greco analisa a criação de personagens femininas por escritores que criam figuras a partir de seus próprios desejos. São mulheres que correm atrás de novos tipos de vida fora dos casamentos, morrendo tragicamente ao fim de suas acidentadas trajetórias. O castigo é o prêmio pelo desafio às convenções.



A construção de personagens femininos vívidos, sem as fantasias masculinas que os norteiam nem sempre relegam as heroínas a destinos tão trágicos. Quando

são mulheres que falam sobre mulheres, ali estão não apenas bons sentimentos, desvelo na maternidade, entrega total às paixões pela vida toda, busca de um príncipe encantado. Elena Ferrante quebra com esses clichês hoje, mas no século XVII, a inglesa Jane Austen tratou não apenas dos enlevos amorosos entre jovens casais, usando seu sarcasmo para evocar a sociedade patriarcal que tornara o casamento forma de sobrevivência para moças sem fortuna própria, impossibilitadas de trabalhar, uma indignidade como se hoje uma garota de classe média virasse faxineira ou empregada doméstica.

Séculos mais tarde, um roteiro pode ainda determinar o comportamento feminino na ficção: amor/paixão/casamento/decepção/ousadia/tragédia. Algumas escritoras suplantaram o nicho sexista, como Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles e Virginia Wolf, embora todas reflitam, em alguma obra, sobre a realidade feminina. Até os livros destinados a um público ávido por romances “rosa”, destinados a mulheres, já vêm explorando temas dolorosos. Na lista dos

mais vendidos há anos no Brasil, Assim é que acaba (Galera Record, R\$ 47,90), de Colleen Hoover, trata com surpreendente crueza da violência doméstica praticada por homens bem-sucedidos contra as mulheres com quem se casaram. O comportamento padrão abusivo — explosão violenta, arrependimento sincero, desculpas, retomada da convivência, novo episódio que detona a agressão — é descrito pelo ponto de vista das vítimas, prontas a perdoar os agressores até o momento em que a autopreservação determina o fim da relação.

Terminar um casamento disfuncional é opção inexistente para muitas mulheres como as personagens do contundente A queda do Imã (Tabla, R\$ 60), da egípcia Nawal El-Saadawi, psiquiatra e ativista dedicada à defesa contra a violência doméstica, o fundamentalismo religioso e a opressão sistêmica. Além de uma vida de militância em órgãos internacionais, entre eles a ONU, Nawal teve uma vasta e reconhecida carreira literária que apoiava suas denúncias. O Imã desse romance fragmentado, com diversos narradores, discute o sistema legal de diversas nações teocratas, em que o maltrato à mulher tem respaldo estatal. Como indaga a protagonista, uma menina surrada por policiais: “Por que vocês sempre deixam o criminoso livre e matam a vítima?”. O crime da jovem é ser filha ilegítima de uma mulher que abandonou o marido.

Único local da casa de leitores compulsivos onde livros nem sempre encontram espaço, a cozinha ganha um novo guia que merece figurar entre panelas e temperos. Formada em 2013 entre os primeiros cinco colocados pelo Le Cordon Bleu Paris em Cuisine e Pâtisserie, a carioca Juliana Gueiros vem publicando no Instagram receitas para quem tem pouca intimidade com o fogão desde a pandemia. E nada de pratos de nouvelle cuisine, com maçaricos, espumas, ninhos e nuvens: Juliana ensina a preparar comida básica, reunindo receitas e dicas em Na cozinha (Intrínseca, R\$ 99). Dividido em doze capítulos, o volume é fartamente ilustrado e dá até pena de deixar perto do fogão. Diferente de boa parte dos homens alçados a chefs de cuisine, que geralmente se apresentam como artistas da gastronomia, Juliana espera é aumentar a legião dos que preparam alimentação caseira, que tem aroma de “casa de mãe”. Mais feminista, impossível.